

Graciliano Ramos e O menino da mata: a ficção como fuga para o mal-estar na região

Leticia Baron Bortoluzzi*

João Cláudio Arendt* *

Resumo: No conjunto dos textos que compõem a obra de Graciliano Ramos, destaca-se *Infância*, que permite a projeção de uma memória coletiva regional. O sofrimento e a opressão ressaltam-se como principais guias no percurso traçado pela criança narradora, que vive em um universo cercado por prisões metafóricas. Assim, um dos instrumentos que permite a evasão desse universo diz respeito às práticas leitoras, especialmente da obra *O menino da mata e seu cão piloto*, fundamental como estratégia de escapismo de sua realidade árida.

Palavras-chave: *Infância*. Memória coletiva regional. Prisões. *O menino da mata e seu cão piloto*.

Infância e seus lugares de memória

O romance de 30, do século XX, caracteriza-se como um dos períodos mais expressivos da historiografia literária brasileira, por deslocar a preocupação no tratamento das temáticas, que se centravam no nacional, para as diversidades regionais brasileiras. Dentro desse “projeto”, diversos nomes tiveram destaque, pois no momento em que passaram a focalizar novos espaços, por meio de suas obras, permitiram a projeção de realidades

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: leti_bortoluzzi@yahoo.com.br.

** Doutor em Letras pela PUCRS. Professor no Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade e no Doutorado em Leitura e Linguagens da Universidade de Caxias do Sul – PPGLT/UCS. Diretor da revista eletrônica Antares (Letras e Humanidades). jcarendt@ucs.br

peculiares e ainda desconhecidas no âmbito literário.

Um dos escritores mais significativos é Graciliano Ramos, que, nascido em Quebrangulo, mudou-se primeiro para Palmeira dos Índios, local em que se firmou enquanto romancista, e, posteriormente, para o Rio de Janeiro. A sua habilidade literária no desvelamento de novos horizontes, no tratamento das mazelas sociais, e a sensibilidade na maneira de narrar e de compreender a alma dos seres humanos, impulsionada pela observação de suas análises psicológicas profundas, consolida-o enquanto um dos grandes nomes da literatura brasileira.

O seu reconhecimento tanto por parte da crítica, quanto pelo público leitor, deu-se por sua forma de abordagem narrativa: uma linguagem concisa e enxuta de adjetivação aliada à aridez que permeia o meio físico, no relacionamento que o ser humano estabelece com ele, além de suas relações com os seus semelhantes, que adquirem a mesma complexidade e esterilidade.

Esse aspecto é bem ilustrado na obra *Vidas secas*, por exemplo, em que a existência dos protagonistas reveste-se de pobreza, de debilidade social, e onde o embate com a natureza acompanha as suas trajetórias, fadadas ao sofrimento, à incompreensão e a dificuldades de todas as ordens, principalmente na legitimação da qualidade de ser humano, em um meio em que se delimitam limites turvos entre o universo humano e animal. Tais fatores são capazes de fazer com que a leitura de Graciliano se configure como uma prática reflexiva acerca da realidade agreste, em que a aspereza aparece como uma das linhas-mestras.

As mesmas características são ressaltadas em *Infância*, uma das obras do autor menos estudadas, porém não menos relevante. Ela é considerada por muitos uma narrativa autobiográfica que apresenta os primeiros anos de vida de Graciliano, as suas descobertas preliminares até o período da pré-adolescência, e o descortinamento do mundo cruel que atua como cenário de outros

*Graciliano
Ramos e O
menino da
mata: a
ficção como
fuga para o
mal-estar na
região*

21

escritos seus. No entanto, sabe-se do problema de observá-la sob o prisma da biografia, levando em conta que o escritor, mesmo que tenha como base as suas vivências, despeja doses de ficção, caminhando no sentido inverso de suas obras. De acordo com Martins:

*Leticia Baron
Bortoluzzi*

*João Cláudio
Arendt*

22

Além das ligações por assim dizer materiais que existem entre *Infância* e seus romances, o livro de memórias talvez nos ajuda a compreender e a descobrir os motivos da visão amarga e pessimista do mundo que acompanha o Sr. Graciliano Ramos. São justamente os episódios da infância que marcam fundamente a psicologia do adulto: não sei que clarividente já disse que a criança é o pai do homem. No caso do Sr. Graciliano Ramos mais que em qualquer outro, e não admira que assim encontremos hoje o romancista, nascido daquele menino que viveu num mundo onde também o Bem e o Mal andavam misturados. (MARTINS, 1978, p. 44-45).

Independentemente disso, um aspecto inegável refere-se à utilização da memória que pauta toda a narrativa em destaque. A estória sustenta-se em um complexo ressignificado de lembranças, as quais aparentemente parecem estar firmadas sob a perspectiva individual, mas que, conforme se avança, atuam como a projeção de uma memória coletiva, ligada a um contexto regional. Do ponto de vista da análise proposta para *Infância*, a perspectiva abordada neste artigo apresenta um viés distinto de outros trabalhos já realizados, ao aproximar o menino-protagonista de Graciliano ao *Menino da mata*.

Cumpramos ressaltar que o percurso do narrador-personagem traça-se com sofrimento, especialmente pelo fato de o contexto em que se desenrolam as ações pauta-se pela dominação e pela opressão, características expressivas que norteiam as narrativas de Graciliano de uma maneira geral. O cárcere, por exemplo, surge como uma das ilustrações mais simbólicas, o qual transcende os limites de *Memórias do cárcere*, visto que alcança a obra do escritor como um todo, de acordo com a afirmação de Chaves:

Se bem observarmos, a experiência do cárcere, tal como foi narrada, não é senão a metáfora superlativa de toda a obra de Graciliano Ramos e justamente aquela onde melhor se define a noção que ele formou do homem, sua natureza e seu destino trágico. (CHAVES, 1983, p. 42).

Um das prisões que se destaca em *Infância* é a casa. Apesar de não ser referida concretamente como tal, a imagem prisional pode ser evocada a partir de duas perspectivas. Primeiramente, no tocante à restrição da liberdade do narrador, considerando que se trata de um meio em que a voz da criança não possui espaço, pois o seu comportamento permanece adstrito à maneira de se portar de seus pais, em que o silêncio, na grande maioria das circunstâncias, atua como a melhor resposta. A segunda refere-se às repreensões frequentes, acompanhadas de agressões físicas e verbais. A violência impera no relacionamento humano e caracteriza-se como prática natural.

A outra prisão, concebida expressamente dessa forma, é a escola, espaço em que a degradação atinge diversos aspectos distintos, desde os métodos enfadonhos e desinteressantes, até a conduta de seus mestres, a qual excepcionalmente vem acompanhada de sentimentos e atitudes positivas. O desenho do ambiente de estudos gera aversão e desencadeia repulsa, em virtude da precariedade de condições para o seu funcionamento e da falta de esperança na reversão desse sistema deteriorado:

O lugar de estudo era isso. Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício, uma crucificação. Certo dia vi moscas na cara de um, roendo o canto do olho, entrando no olho. E o olho sem se mexer, como se o menino estivesse morto. Não há prisão pior que uma escola primária do interior. A imobilidade e a insensibilidade me aterraram. Abandonei os cadernos e as auréolas, não deixei que as moscas me comessem. Assim, aos nove anos ainda não sabia ler. (RAMOS, 2006, p. 206).

No local, os minutos gotejam, fazendo com que cada segundo atue como um sacrifício, do qual não é possível se livrar.

*Graciliano
Ramos e O
menino da
mata: a
ficção como
fuga para o
mal-estar na
região*

23

*Leticia Baron
Bortoluzzi*

*João Cláudio
Arendt*

24

Os estudantes devem seguir rigorosamente tudo o que é imposto pelos professores, sem questionar quaisquer atitudes e, portanto, permanecem atrelados a um sistema repleto de não permissibilidades em que a alternativa existente reduz-se à submissão àquela estrutura decadente.

As moscas que entram no olho de um dos alunos remetem à concepção de abandono, ao declínio e ao sentimento de impotência das crianças face à situação. O apodrecimento ocorre de tal forma que as moscas apoderam-se dos alunos, pouco a pouco, demonstrando a sua incapacidade de defesa. A vitalidade infantil é progressivamente sugada. Outra interpretação cabível permite vislumbrar esse quadro como a representação de um sistema de dominadores, de autoridades que manipulam uma organização, que detêm todo o poder e controlam a escola, onde os dominados acabam entregando-se e cedendo por já terem sido “domesticados” e terem consciência de que a revolta, a fim de atingir uma reversão, configura-se como tentativa fracassada.

Os pressupostos que ditam a organização dessa prisão regulam-se pela seleção natural, com a vigência da lei do mais forte. Em razão dessa situação, o personagem buscou defender-se, prejudicando, assim, as suas questões intelectuais em prol da sobrevivência, em face do “ataque” das moscas, o que produziu o seu analfabetismo aos nove anos. Tudo girava em torno da repressão, fórmula mais poderosa e eficaz, como se pode observar na chegada de um aluno novo, conforme interpretação de Abel:

Um dia, na escola, assiste à chegada de um aluno novo. Veio seguro por dois homens. Debateu-se, resistiu, mordeu, urrou, foi submetido com grande dificuldade. Graciliano espantou-se, desprezou-o e invejou-o. “Não me seria possível esperar, berrar daquele jeito, exhibir força, escoicear, utilizar os dentes, cuspir nas pessoas, espumante e selvagem”. E não lhe seria possível, porque já tinha sido “domado”. Foi domado. No entanto, como não poderia deixar de sê-lo? Além da violência, o sobrenatural, a religião e a autoridade. Tudo jogado em cima de um inocente vivente. (ABEL, 1997, p. 111).

Mesmo que a postura de resistência do aluno novo despertasse a inveja do menino, ele sabia que não poderia praticar atos semelhantes, visto que as instâncias de poder exerciam uma força muito superior e já o tinham domesticado. Ele possuía plena consciência de que sublevar as ordens e abusos cometidos caracterizava-se como uma saída inútil, que restaria fracassada e frustrada. Além disso, o ambiente apresenta-se como um local de padecimento que provoca um sentimento de repugnância no narrador. A miséria não é apenas financeira, mas espiritual, já que os alunos não possuíam condições nem de articular o próprio idioma e eram impelidos, mesmo assim, a fazer leituras desgostosas.

Outra questão relevante concerne à aura simbólica que envolve o local. Dentre os espaços em que se desenvolvem as ações na narrativa, os dois lugares mencionados adquirem relevância especial: a casa e a escola. O primeiro, em razão do contato estabelecido com a família e os primórdios de sua aprendizagem, ou seja, quando a criança começou a construir as primeiras concepções acerca do mundo, a partir dos conceitos de violência e opressão, veiculados por seus genitores.

E o segundo é a escola, marcante na trajetória do menino, seja pelas vivências tidas com diversos mestres, dos mais serenos aos mais agressivos, seja pela representação metonímica do macrocosmo, pela degradação do local. Assim, pode-se afirmar que os ambientes, como projeções de contextos presentes na memória coletiva, são revestidos de um sentido peculiar, o qual permite a evocação de lembranças pertencentes a um grupo social, o que os caracteriza enquanto lugares de memória¹, neste panorama, regional.

*Graciliano
Ramos e O
menino da
mata: a
ficção como
fuga para o
mal-estar na
região*

25

¹ De acordo com Nora (1993), lugares de memória são restos, que servem para cristalizar uma memória dotada de sentido simbólico.

Leticia Baron
Bortoluzzi

João Cláudio
Arendt

26

Os livros de leitura: cárcere e emancipação

A escola configura-se como lugar de memória, pois o vivido não permanece adstrito ao garoto narrador, mas atinge uma dimensão muito superior, no momento em que alcança todas as crianças que partilhavam das mesmas sensações e experiências, emanando um sentido de pertença coletiva e fazendo com que aquele espaço permitisse o resgate de lembranças comuns. Porém, a amplitude do conceito de lugares de memória de Nora (1993) não se limita apenas ao âmbito físico, posto que se estende a outros elementos, como os livros, por exemplo.

O processo de iniciação à leitura do personagem foi bastante árduo e complexo, visto que a sua alfabetização iniciou-se no balcão, com os ensinamentos do pai, severo e dotado de pouca paciência, o qual, ao perceber as dificuldades do menino após algumas lições, resolveu delegar a tarefa à Mocinha, garota de criação que vivia com a família. Com isso, ele passou a receber repreensões em menor escala; no entanto, nada reduzia o seu sentimento de incapacidade frente à alfabetização.

Tendo em vista essa situação, todos os aspectos faziam com que a criança permanecesse desestimulada a ir à escola, concebida como um local destinado aos meninos desobedientes, o que não se aplicava a sua postura de passividade e conformidade com as ordens e punições que recebia. Afinal, as agressões constituíam-se como atitudes corriqueiras e, como todo o sistema pautava-se e consolidava-se sob esse prisma de funcionamento, não restava alternativa a não ser a aceitação.

Entretanto, cumpre ressaltar que outro constituinte adquire relevância expressiva na trajetória do personagem: os livros de leitura. Frisa-se que vários são mencionados na obra, porém nessa análise serão contemplados apenas dois, em virtude das sensações divergentes que despertavam. O primeiro deles refere-se à obra de apoio do percurso escolar, o *Barão de Macaúbas*, composta

por diversos volumes e que norteou toda a sua aprendizagem. Os contatos preliminares com o texto sinalizavam o quanto o ensino seria pesadoso: “Um grosso volume escuro, cartonagem severa. Nas folhas delgadas, incontáveis, as letras fervilhavam, miúdas, e as ilustrações avultavam num papel brilhante como rasto de lesma ou catarro seco.” (RAMOS, 2006, p. 129).

A espessura do exemplar, combinado com a sua coloração escura e com a dureza da capa, desanimavam desde o princípio. A ideia que se tem aqui concerne à rigidez e ao prenúncio do que aguarda o menino em sua escolarização. Já as folhas frágeis e numerosas traziam grande quantidade de letras pequenas, dificultando mais ainda a leitura. E, aliadas a elas, a fim de completar todo o quadro desanimador, as figuras, possivelmente disformes e não muito bem feitas, pela analogia realizada com o rasto de lesma ou catarro seco.

Ao abrir o volume, o aprendiz deparou-se com duas histórias: uma de um menino que não desejava ir à escola e encontrou um passarinho trabalhador que o fazia pensar de forma diversa; e outra relativa a uma mosquinha, que voava por voar, transgredindo as orientações maternas, até que, certa feita, caiu no fogo, desencadeando, assim, uma reação de desgosto no leitor:

Esses dois contos me intrigaram com o barão de Macaúbas. Examinei-lhe o retrato e assaltaram-me presságios funestos. Um tipo de barbas espessas, como as do mestre rural visto anos atrás. Carrancudo, cabeludo. E perverso. Perverso com a mosca inocente e perverso com os leitores. Que levava a personagem barbuda a ingerir-se em negócios de pássaros, de insetos e de crianças? Nada tinha com esses viventes. O que ele intentava era elevar as crianças, os insetos e os pássaros ao nível dos Professores. (RAMOS, 2006, p. 130).

O dissabor advindo da leitura, somado à foto do barão, despertou sensações desagradáveis, até porque as feições do barão estavam longe de ser simpáticas. Pelo teor dos contos, o menino

*Graciliano
Ramos e O
menino da
mata: a
ficção como
fuga para o
mal-estar na
região*

27

Leticia Baron
Bortoluzzi

João Cláudio
Arendt

28

nem deveria aventurar-se a realizar a tarefa de escrever. Verificasse, desse modo, que tanto na situação do pássaro, como na da mosca, o teor moralista empregado na educação daquele período vigia fortemente no ambiente escolar. A aprendizagem adequada era aquela pautada pela extração de preceitos, lições e valores guiados pela moral e pela ética. Em virtude disso, conquistar o gosto pela leitura e aprender, com o apoio do Barão de Macaúbas, converteram-se em um suplício, em uma atividade desagradável e desmotivadora.

No entanto, em oposição à leitura desestimulante e cansativa, outro livro que acompanhou o narrador e possibilitou a formação de outra concepção acerca da leitura foi *O menino da mata e o seu cão piloto*, obra proibida de Vivaldi Moreira. A referida interdição veio em decorrência de ser escrita por “protestantes” e por ter vinculação com o diabo. Dessa forma, não deveria ser lida, para a infelicidade do garoto, que, ao descobri-la, desvelou um novo universo literário, muito longínquo daquele enfadado a que estava afeito, e que o fazia crer que a leitura poderia ser algo prazeroso. Conforme Oliveira:

Em toda a narrativa de *Infância* a criança passa por um processo de aprendizagem e amadurecimento interior, principalmente ao aprender lidar com as perdas e as dores. O momento de descoberta da leitura surge de forma mágica e prazerosa. O livro torna-se um “objeto de desejo” ao ser proibido, pois desperta curiosidade. Esse episódio pode ter sido um momento definitivo na vida do escritor Graciliano Ramos, porque mesmo tendo passado por um processo de aprendizagem dolorosa na infância, consegue superar os seus traumas interiores e domar as “malditas letras” que o deixara angustiado na infância. (OLIVEIRA, 2008, p. 329).

Aspecto interessante é que a obra apareceu em sua vida em um momento bastante influenciado pela religião, haja vista

que o seu quarto estava repleto de figuras de santos nas paredes. Tal influência, nesse contexto, teve relevância especial, pois agiu como motivador do abandono de seu livro prazeroso. Juntamente com isso, no período em que decorreram as ações, o protagonista destaca a necessidade de se ligar a santos e a heróis, e a oscilação de importância entre uns e outros, pois, os santos, inicialmente mais fortes, perderam a sua posição em detrimento dos heróis, que se tornaram mais significativos.

Com o auxílio dos dicionários, fundamentais para a aprendizagem das primeiras noções de geografia, pelas bandeiras dos países, e histórias, em virtude das fotos dos figurões, buscou decodificar grande parte das palavras e, inversamente às leituras precedentes, identificava-se com a narrativa, pelo misto de lobos, florestas, bruxas, gigantes e crianças abandonadas, pelas quais sempre teve simpatia: “Sempre tive inclinação para crianças abandonadas. No princípio do romance longo achei garotos perdidos numa floresta, ouvindo gritos de lobos. As narrativas de D. Agnelina referiam-se a pequenos maltratados que se livravam de embaraços, às vezes venciam gigantes e bruxas.” (RAMOS, 2006, p. 218-219).

Ressalta-se que essa inclinação assume uma dimensão expressiva, pois a simpatia para com as crianças abandonadas talvez atuasse como uma projeção de seus sentimentos. Além disso, o fato de os “pequenos maltratados” conseguirem combater gigantes e bruxas pode ser interpretado como uma possibilidade esperançosa que o narrador tinha de reverter as estruturas de poder instituídas e de vencer aqueles que concentravam a autoridade e a dominação. Os gigantes atuam como uma representação dos entes poderosos e tirânicos que permeavam o seu universo, e as bruxas, como a personificação da maldade. Entretanto, eventualmente as crianças conseguiam combatê-los, diferentemente de sua situação, em que o triunfo caracterizava-se como utopia.

*Graciliano
Ramos e O
menino da
mata: a
ficção como
fuga para o
mal-estar na
região*

29

*Leticia Baron
Bortoluzzi*

*João Cláudio
Arendt*

30

Toda essa aura repleta de fantasia e envolvimento sofreu forte ruptura no instante em que, ao partilhar a descoberta com a prima Emília, ela censurou o protagonista, salientando que não deveria manusear o folheto, evento que provocou forte decepção:

Em casa mostrei o achado a Emília, descrevi o menino, a mata e o cachorro. Nenhum sinal de aprovação. Emília arregalou os olhos, atentou horrorizada no folheto, pegou-o com as pontas dos dedos, soltou-o, como se ele estivesse sujo, aconselhou-me a não o ler. Aquilo era pecado. [...] porque o livro era excomungado, escrito por um sujeito ruim, protestante, para enganar os tolos. (RAMOS, 2006, p. 219).

Mesmo que procurasse argumentar contrariamente, afirmando que a estória apresentava um menino e um cachorro excelentes, a prima mantinha-se irredutível ao reafirmar o conteúdo pecaminoso do texto. Tendo em vista a reação de reprovação, o garoto julgou prudente abster-se de seu conteúdo e abandoná-lo, mesmo que a recorrência ao universo fantástico, uma das válvulas mais corriqueiras de fuga do seu mundo seco, tivesse que ser deixada de lado. O tabu desenvolvido atua como mecanismo de expressão do forte poder firmado pelo Catolicismo e, por mais que tentasse manter a crença que o manuscrito afastava-se de ligações diabólicas ou produto de protestantes, o argumento de autoridade de Emília imperava com maior força.

Para o ele, o menino e o cachorro agiam como bons cristãos, tese desconstituída pela garota, a qual asseverou que o risco encontrava-se justamente nisso, haja vista que o diabo, quando desejava tentar as pessoas, disfarçava-se e aos poucos ia se mostrando, até levá-las para o inferno – argumento contundente, a fim de fazê-lo desistir da leitura. Sabe-se que, desde eras remotas do Cristianismo, o diabo carrega uma simbologia bastante negativa, por ser considerado a antítese de Deus e de todos os sentidos positivos ligados a ele, conforme

destaca Chevalier (2009, p. 337):

O Diabo simboliza todas as forças que perturbam, inspiram cuidados, enfraquecem a consciência e fazem-na voltar-se para o indeterminado e para o ambivalente: centro de noite, por oposição a Deus, centro de luz. [...] É o anjo caído, com suas asas roídas, que quer partir as asas do criador.

Como a criança possuía um conhecimento parco das coisas metafísicas e era carente de discernimento, com dificuldades para auferir julgamentos morais, acreditou que, se a origem do livro não era positiva, ele não poderia ser bom. Mesmo receoso, procurou demonstrar o oposto, mas a repulsa da prima, ao analisar o material, permanecia inabalável. Característica interessante refere-se à tentação de ler *O menino da mata e seu cão piloto* durante a Sexta-Feira Santa, já que em razão do jejum, procurava afastar-se das pitombas guardadas em cima do armário. Porém, a ânsia moderada em comê-las nem se comparava ao desejo de se aproximar do *Menino da mata*, que o motivou a insurgir-se contra Emília, em razão de manter a crença de que a obra não era de protestantes e muito menos conectada ao diabo.

O arrependimento por ter apresentado *O menino da mata e seu cão piloto* à prima assolou o pensamento da criança, pois, caso não o tivesse feito poderia ler a obra sem preocupações, em razão da ausência de qualquer julgamento moral. Ao retornar à loja do pai, passou defronte de uma igreja, retirou o chapéu e pronunciou algumas orações, motivadas muito mais pela culpa do que pela religiosidade em si: “Tinham-se habituado a esse exercício, mas agora rezava desesperadamente, com remorso por trazer debaixo do paletó, colado ao corpo, um objeto impuro.” (RAMOS, 2006, p. 220).

Com isso, nota-se, mais uma vez, o quanto a forte carga religiosa vigorava nesse ambiente agreste. O pai-nosso e a ave-maria não apareciam apenas como o desencadeamento de crenças

*Graciliano
Ramos e O
menino da
mata: a
ficção como
fuga para o
mal-estar na
região*

31

*Leticia Baron
Bortoluzzi*

*João Cláudio
Arendt*

32

e apego à religião, mas como um hábito presente no meio familiar e ligado a uma sensação punitiva, por estar transgredindo preceitos da seara católica.

O principal sentido ligado ao folheto relacionava-se justamente com o ideal de libertação do menino, que tinha sido completamente frustrado e consistia em sua única válvula de escape daquele mundo árido, cruel e agressivo: “Era como se me fechassem uma porta, porta única, e me deixassem na rua, à chuva, desgraçado, sem rumo. Proíbiam-me rir, falar alto, brincar com os vizinhos, ter opiniões. Eu vivia numa grande cadeia. Não, vivia numa cadeia pequena, como papagaio agarrado na gaiola.” (RAMOS, 2006, p. 220-221).

O livro representava o último lastro esperançoso de uma realidade que se diferenciava da habitual; ele surgia como outro ambiente possível, contrário àquele em que vivia, com suor, lágrimas e sofrimento. O desligamento contrariado ilustra com clareza o sentimento de abandono, por estar na rua, sujeito às piores condições. Em um cenário marcado por intensos cerceamentos de todas as naturezas, o cárcere ressurgiu como a metáfora mais apropriada para caracterização desse ambiente, o que vai ao encontro do já referido entendimento de Chaves (1983), acerca da concepção de prisão.

O mundo em que o narrador podia locomover-se sem barreiras havia sido destruído e ele, portanto, deveria resignar-se a permanecer em sua realidade espinhosa, em que nem o sonho era permitido. Além disso, durante a leitura, as pessoas que o rodeavam e que o atormentavam, como Fernando, a mãe e os caixeiros do estabelecimento de seu pai, dissipavam-se como uma nuvem poeirenta e longínqua. No entanto, com o afastamento do livro, todos os agentes opressores reassumiam suas posições originárias.

A tristeza desencadeada diante da desistência traduziu-

se em lágrimas no narrador. Não somente por desistir de algo que lhe proporcionava diletantismo na leitura, diferente dos textos habituais, mas por sentir o desfalecimento de um sentimento de aproximação com o menino da mata, o qual simbolizava companhia e lhe confortava a solidão:

Chorei, o folheto caído, inútil. O menino da mata e o cão piloto morriam. E nada para substituí-los. Imenso desgosto, solidão imensa. Infeliz o menino da mata, eu infeliz, infelizes todos os meninos perseguidos, sujeitos aos cocorotes, aos bichos que ladram à noite. (RAMOS, 2006, p. 221).

Assim, não havia outra solução a não ser a conformidade com aquela circunstância. O padecimento, a solidão e a infelicidade era inevitáveis; mas, era preferível enfrentá-los, a estabelecer laços com uma leitura tão estigmatizada e negativa.

Se *O menino da mata e o seu cão piloto* é, hoje, uma obra praticamente desconhecida nos diversos meios sociais e, especialmente, no acadêmico, talvez isso se deva, como se lê no romance *Infância*, em virtude da forte influência da Igreja em disseminar preceitos ligados aos protestantes e ao diabo, estipulando inclusive os livros que podiam ou não ser lidos, tal como se vê no Index.

Considerações finais

Ao cabo destas reflexões, verifica-se que *Infância* atua como eixo-norteador para a compreensão do conjunto das obras de Graciliano Ramos, especialmente pelo trabalho com uma temática que acompanha suas obras de uma maneira geral. Dentro do romance analisado, dois contextos, a casa e a escola, assumem relevância singular, porque ambas são caracterizadas como prisões, metáforas que atingem o conjunto da produção do autor. Em razão disso, tais espaços podem ser concebidos enquanto

*Graciliano
Ramos e O
menino da
mata: a
ficção como
fuga para o
mal-estar na
região*

Leticia Baron
Bortoluzzi

João Cláudio
Arendt

34

lugares de memória regional por causa do sentido simbólico que lhes é conferido.

Assim, com forte carga de significação opressiva ou libertária, surgem os livros de leitura: um deles, o *Barão de Macaúbas*, não passa de um folheto enfadonho utilizado como suporte didático; mas em oposição, *O menino da mata e seu cão piloto* aparece como obra envolvente, que permite ao personagem a evasão temporária de seu universo opressivo. Além de despertar uma sensação de identificação, abria a possibilidade de adentrar num universo que guardava grandes distâncias de sua realidade e permitia a sua emancipação, pelo menos no plano imaginário.

Todavia, como se viu, em virtude de a obra ter supostas conexões com protestantes e com o diabo, crença defendida por sua prima Emília, o personagem entra num forte embate entre o ímpeto de libertação e a proibição que revestia o escrito, o qual acaba sendo finalmente abandonado. Tal atitude provoca o desânimo e a tristeza do garoto, que enxerga nisso a devastação definitiva de seu universo ficcional e imaginário e, conseqüentemente, do seu intento de libertação. Em última instância, no romance, ao não se concretizar a evasão pelo caminho da leitura ficcional, o protagonista também não consegue amenizar o mal-estar na região resultante da opressão familiar e escolar.

Graciliano Ramos and *O Menino da Mata*: Fiction as an escape from regional discontent

Abstract: Among Graciliano Ramos's work, *Infância*, which allows the projection of a collective regional memory, stands out. Suffering and oppression are the major guides on the route drawn by the child narrator, who dwells in a universe surrounded by metaphorical prisons. Thus, one of the instruments which allows the escape from this universe concerns reading practices, specially the reading of *O menino da mata e seu cão piloto*, essential as a strategy of escapism from his arid reality.

Keywords: *Infância*. Regional collective memory. Prisons. *O menino da mata e seu cão piloto*.

Referências

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

WILSON, Martins. Graciliano Ramos, O Cristo e o Grande Inquisidor. In: _____. COUTINHO, Afrânio. *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 34-45.

CHAVES, Flávio Loureiro. Graciliano Ramos e as memórias do cárcere. In: _____. APPEL, Carlos Jorge e outros. *O romance de 30*. Porto Alegre: Movimento, 1983.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

MOREIRA, Vivaldi. *O menino da mata e seu cão piloto*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1981.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-29, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010.

OLIVEIRA, Ilca Vieira de. O menino e as letras em Infância, de Graciliano Ramos. *Revista Eutomia*, Recife, v. 1, p. 322-331, jul. 2008. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano1-Volume1/literatura-artigos/Ilca-Vieira-de-Oliveira_UNIMONTES.pdf>. Acesso em: 19 maio 2012.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 10. ed. Rio, São Paulo: Martins. 2006.

_____. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *Vidas secas*. 72. ed. Rio, São Paulo: Record, 1997.

*Graciliano
Ramos e O
menino da
mata: a
ficção como
fuga para o
mal-estar na
região*

35